

## O conhecimento e o uso de preservativo por adolescentes: estudo comparativo em uma escola particular e pública

**Victória Maria Jardim e Jardim<sup>1</sup>, Leonardo Trindade Nominato<sup>1</sup>, Pedro Angelo Oliveira Ghetti<sup>1</sup>,  
Maurício Manhães Lauriano<sup>1</sup>, Tales Atta Gadêlha<sup>1</sup>, Pedro Mercante Schmith<sup>1</sup>, Vinícius Passamani  
Marques<sup>2</sup>, Annelise Maria Wilken de Abreu<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Acadêmicos do 4º período do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Campos

<sup>2</sup> Acadêmico do 8º período do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Campos

<sup>3</sup> Professora doutora da Faculdade de Medicina de Campos

### RESUMO

Os adolescentes formam um grupo populacional de grande risco epidemiológico para as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e para uma gravidez precoce, principalmente pela baixa idade das primeiras relações sexuais, o não uso de preservativos e a variabilidade de parceiros. Além disso, a falta de informação também é um fator que contribui para o aumento da suscetibilidade de doenças e gravidez indesejada. O objetivo desta pesquisa foi avaliar a prevalência e o conhecimento do uso de preservativo nas relações sexuais em adolescentes e identificar os motivos que levam ao não uso do mesmo. Pretende-se contribuir para a colaboração de programas de orientação e acompanhamento, melhorando o conhecimento fornecido pelas escolas. Foi um estudo descritivo envolvendo 88 alunos de uma escola pública e 61 de uma escola particular, sendo os mesmos matriculados no ensino médio e com idade entre 14 e 19 anos. Esta pesquisa atendeu à Resolução 196/96 do CNS relativas às questões da ética em pesquisa com humanos. Observou-se que 96,7% e 96,6% dos alunos das escolas particular e pública, respectivamente, têm conhecimento sobre preservativos. Constatou-se ainda que 65% dos alunos da escola particular e 67,4% da escola pública fazem uso freqüente do preservativo. O nível socioeconômico parece influenciar no uso de preservativo na primeira relação sexual, porém essa variável não parece ser significativa no que diz respeito à continuidade do uso do mesmo nas relações sexuais subsequentes. Concluiu-se que as variáveis conhecimento e uso de preservativos não são diretamente proporcionais.

**Descritores:** Doenças Sexualmente Transmissíveis. Conhecimento. Adolescente.

### ABSTRACT

Adolescents are a population group of large epidemiological risk for sexually transmitted diseases (STDs) and early pregnancy, especially the low age of the first sexual intercourse, not using condoms and diversity of partners. Furthermore, the lack of information is also a contributing factor to the increased susceptibility to diseases and unwanted pregnancies. The objective of this research was to evaluate the prevalence and knowledge of condom use in sexual relationships in adolescents and identify the reasons why not to use it. It is intended to contribute to the collaboration of orientation programs and monitoring, improving the knowledge provided by the schools. It was a descriptive study involving 88 students in a public school and 61 from a private school, and they are enrolled in high school and aged between 14 and 19 years. This study met the 196/96 CNS on issues of ethics in research with humans. It was observed that 96.7% and 96.6% of students from private and public schools, respectively, have knowledge about condoms. It was also found that 65% of private school students and 67.4% of public school make frequent use of condoms. Socioeconomic status appears to influence condom use at first intercourse, but this variable does not appear to be significant with regard to the continued use of the same sex in subsequent. It was concluded that the variables knowledge and condom use are not directly proportional.

**Keywords:** Sexually Transmitted Diseases. Knowledge. Adolescent.

Endereço para correspondência: Victória Maria Jardim e Jardim, Rua Salvador Correa, 121, apt 202.  
Telefone: (22) 98230627 - E-mail: vmjardim@hotmail.com



## INTRODUÇÃO

A baixa idade das primeiras relações sexuais, o não uso de preservativos e a variabilidade de parceiros coloca os jovens de hoje, como um grupo populacional de grande risco epidemiológico para as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs)<sup>1</sup>.

Um fato preocupante para a sociedade diz respeito ao início prematuro da vida sexual em adolescentes, que pode estar contribuindo para o aumento da suscetibilidade de infecção pelas DSTs, como também a uma gravidez precoce. Beserra, Pinheiro e Barroso<sup>2</sup>, em seus estudos, observa que muitos adolescentes estão sem informação sobre os riscos que existem na prática sexual.

A adolescência é um período marcado por vulnerabilidades em virtude de ser uma etapa da vida em que os conflitos são muitos e dizem respeito ao âmbito social, psicológico, físico, dentre outros. A descoberta do prazer, muitas vezes, dá-se nessa época, e a internet e a pouca censura dos meios de comunicação expõem os adolescentes a um apelo sexual precoce<sup>2</sup>.

Frequentemente são impostas situações que ainda não são bem compreendidas por eles, causando um falso e ilusório desenvolvimento, havendo necessidade de ações de educação em saúde para orientar esses adolescentes sobre os riscos para a contaminação com doenças sexualmente transmissíveis<sup>3</sup>.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Obstetrícia e Ginecologia da Infância e Adolescência<sup>4</sup>, apesar do Sistema Único de Saúde (SUS) distribui gratuitamente métodos preventivos, os adolescentes parecem não estar seguindo as orientações. Em 2010, um estudo realizado no serviço de Ginecologia da Infância e Adolescência da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública mostrou que 20% de meninas com idades entre 14 e 19 anos da Instituição apresentavam alguma DST<sup>4</sup>.

Segundo Madureira, Marques e Jardim<sup>5</sup>, para que os adolescentes possam vivenciar o sexo de maneira saudável prevenindo uma gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis, é fundamental o conhecimento sobre os métodos contraceptivos e os riscos advindos de relações sexuais desprotegidas, possibilitando o exercício da sexualidade sem visar à reprodução.

A situação de aprendizagem na adolescência justifica a pessoa com menos de 20 anos ser considerada parte de um público prioritário para a educação em saúde<sup>6</sup>.

De acordo com Alves e Lopes<sup>7</sup> 40,3% das relações sexuais entre adolescentes não são planejadas, cerca de 23,1% consideram que o preservativo diminui o prazer sexual e que 42% não tem o costume de levar preservativo aos encontros.

Alguns fatores são apontados como responsáveis pelo não uso, entre eles, ao constrangimento de pais e filhos, à falta de conhecimento sobre DST e à pouca liberdade de diálogo com os adolescentes, resultados de uma cultura onde sexo é um assunto ainda envolto por preconceitos<sup>8</sup> e além disso, as diferenças socioeconômicas e culturais existentes no nosso país, exercem influência sobre o comportamento sexual dos adolescentes<sup>9</sup>.

Assim, as unidades de saúde em parceria com as escolas podem realizar um trabalho a fim de participar na elaboração e na execução do trabalho de orientação sexual, abrindo espaços para dúvidas e esclarecimentos voltados diretamente aos alunos e ainda às famílias<sup>5</sup>.

O conhecimento dos motivos do não uso do preservativo poderá nortear as ações dos profissionais de saúde, focando sua atuação e principalmente as ações das escolas, melhorando o conhecimento fornecido para os alunos.

## OBJETIVOS

Avaliar a prevalência do uso e o conhecimento sobre preservativo nas relações sexuais e os motivos que levam ao não uso dos mesmos pelos adolescentes de escolas pública e privada no município de Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, Brasil.

## MÉTODOS

O presente estudo foi descritivo, avaliando adolescentes de ambos os sexos e faixa etária de 14 a 19 anos, sendo 61 oriundos do colégio João XXIII - Centro de Estudos PH Sistema de ensino e 88 do colégio Liceu de Humanidades de Campos ambos localizados em Campos dos Goytacazes, RJ.

A amostra foi obtida a partir de cálculo amostral<sup>10</sup> mantendo um intervalo de confiança de 95% e erro amostral de 10%.

Foram excluídos do estudo os alunos que não estavam devidamente matriculados nas escolas, que não pertenciam à faixa etária de 14 a 19 anos, e os que não entregaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente assinado.

As variáveis coletadas foram: idade, estado civil, escolaridade, religião, atitudes comportamentais em relação à vida sexual e ao uso de preservativo, o conhecimento relacionado ao seu uso e motivo(s) para o não uso do mesmo.

Foi solicitada e obtida das escolas e dos responsáveis pelos alunos a assinatura respectivamente do termo de autorização e do termo de consentimento livre esclarecido. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com o número 89245.

A coleta de dados foi realizada pela técnica do questionário de múltipla escolha com opções de resposta. Antes da coleta de dados, os objetivos do estudo foram apresentados aos diretores dos colégios. Em seguida, foi solicitado o número de alunos matriculados no Ensino Médio e combinado os dias e os horários disponíveis para a realização da coleta.

Os pesquisadores foram às salas de aula com autorização do professor para fazer a entrega do termo de consentimento e apresentação dos objetivos da pesquisa para os adolescentes. Em outro momento, os pesquisadores voltaram às salas para recolher os termos devidamente assinados e realizar o preenchimento dos questionários pelos alunos.

Após a coleta de dados, realizada no mês de

setembro, foram repassadas algumas informações sobre os métodos para os jovens que se mostraram interessados em conhecer mais sobre o assunto.

Antes da coleta definitiva dos dados, foi realizado um teste piloto com o objetivo de testar e corrigir o instrumento de coleta de dados, testar o banco de dados e estabelecer o número possível de questionários coletados no limite de tempo estipulado.

Realizou-se o estudo piloto no início do mês de agosto, e foram encontradas muitas dificuldades no recolhimento dos termos de consentimento, devido ao esquecimento da grande maioria dos alunos de pedirem a autorização do responsável para a realização do estudo.

Os dados obtidos foram tabulados com ajuda do programa EPIDATA 3.1. A análise destes dados foi estatística a partir das respostas dos pesquisados ao questionário elaborado pelos pesquisadores e apresentados por frequência de ocorrência das variáveis em números absolutos e percentuais.

## RESULTADOS

Fizeram parte do estudo 149 indivíduos, sendo 61 (40,9%) adolescentes de uma escola particular e 88 (59,1%) adolescentes de uma escola pública, com uma média de idade de 17 anos. Na escola particular foram avaliados 11 do sexo

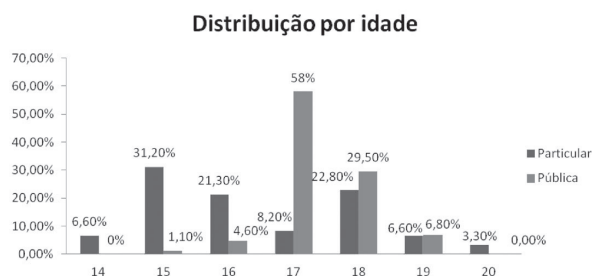


Figura 1 - Distribuição dos adolescentes por idade nas escolas pública e particular - Campos dos Goytacazes, 2012.

masculino e 50 do sexo feminino, enquanto que na escola da rede pública foram 37 masculino e 51 feminino.

A figura 1 mostra a distribuição dos adolescentes por idade, na qual verifica-se maior frequência de alunos entrevistados com 15 anos na escola particular (31,2%) e 17 e 18 anos na escola da rede pública (58% e 29,5%, respectivamente). Isso ocorreu, devido ao fato de que na escola particular, não foi possível entrevistar os alunos dos anos mais adiantados, por estarem em época de vestibular, não sendo permitidas várias visitas dos pesquisadores. Na escola pública, o grande número de estudantes respondentes com 17 anos, possivelmente foi resultante de maior responsabilidade em entregar o termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelo responsável, e com 18, porque há um grande número de alunos com essa idade na escola e que puderam assinar o termo.

Na figura 2, observa-se que na escola pública a população sexualmente ativa é maior se comparada à do colégio particular, confirmando os achados de Camargo e

## População sexualmente ativa

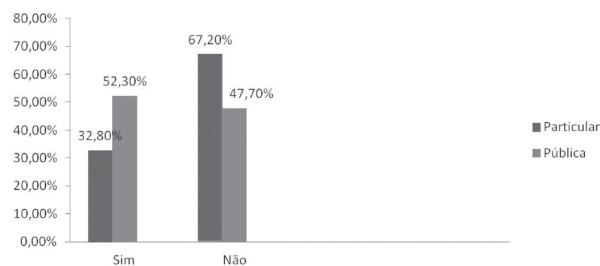


Figura 2 - Distribuição da população de adolescentes sexualmente ativa em escolas particular e pública - Campos dos Goytacazes, 2012.

Bertoldo<sup>11</sup>. Um dos fatores que é preciso levar em conta nessa análise é a diferença da idade dos alunos pesquisados entre as escolas.

Outra constatação, é que os adolescentes da escola privada, iniciaram sua vida sexual em faixas etárias mais tardias (figura 3), o que permite supor que o nível socioeconômico pode ter influência na idade da iniciação sexual e também no uso de preservativos na mesma (Figura 4), já que todos os alunos da escola privada se preveniram

## População sexualmente ativa

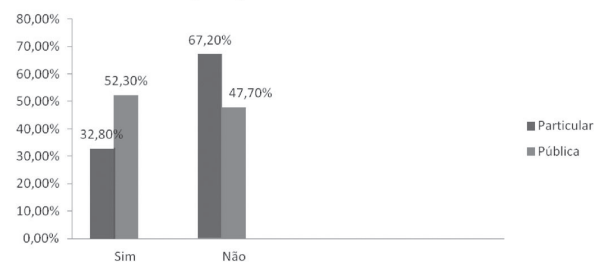


Figura 3 - Distribuição da idade da primeira relação sexual nas escolas pública e particular - Campos dos Goytacazes, 2012.

enquanto, uma porcentagem de 23,9% na escola pública não se protegeu. "Quanto mais precoce é a iniciação sexual, menores são as chances de uso de métodos contraceptivos"<sup>12</sup>.

## População sexualmente ativa

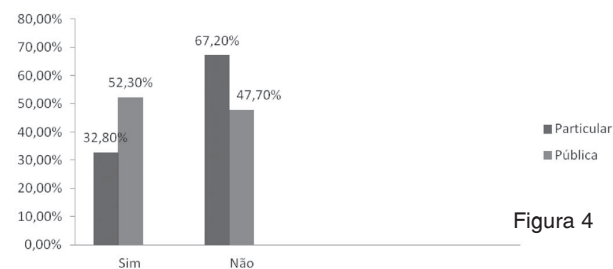


Figura 4

Figura 4 - Distribuição do uso do preservativo na primeira relação sexual pelos adolescentes nas escolas particular e pública - Campos dos Goytacazes, 2012.



Figura 5 - Distribuição dos motivos do não uso de camisinha na sua primeira relação sexual na escola pública. Campos dos Goytacazes, 2012.

Na figura 5 apresentam-se os motivos pelos quais os adolescentes não fizeram o uso do preservativo na primeira relação sexual. Foi observado que boa parte dos adolescentes afirmou que não usaram o preservativo por achar desconfortável e por diminuir o prazer na hora do ato sexual, resposta assinalada por 54,6% dos adolescentes que afirmaram não terem usado preservativo na primeira relação. Enquanto que 36,3% dos que afirmaram não terem usado, não o fizeram por outros motivos, tais como não possuírem o preservativo perto para o uso ou por não se lembrarem de usar, mesmo tendo-os disponíveis para uso, o que pode ser explicado pela imaturidade e falta de preparo do jovem. Isso mostra que o uso do preservativo é determinado não apenas por fatores socioculturais, como também situacionais e individuais<sup>13</sup>. Os demais adolescentes, 9,1%, alegaram a falta de condições financeiras para adquirir preservativos, evidenciando a carência de informações à cerca das campanhas do Sistema Único de Saúde (SUS) que nos últimos três anos, distribuíram, aproximadamente, 1,3 bilhão de camisinhas por todo o país. "Qualquer pessoa pode retirar o preservativo, sem precisar apresentar qualquer tipo de identificação. Os jovens recebem apoio e informação de profissional para que possam escolher o método contraceptivo mais adequado."<sup>14</sup>

Com relação ao uso de preservativos (Figura 6), cerca 65% na escola particular e 67,4% na escola pública afirmaram que sempre usam o preservativo em suas

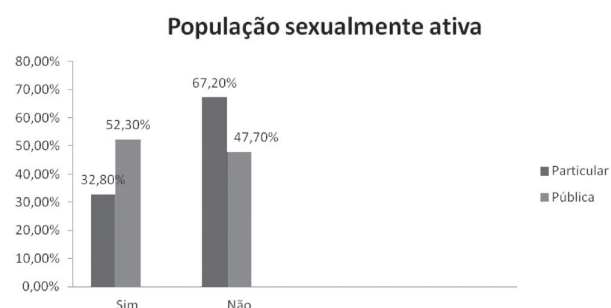


Figura 6 - Distribuição da frequência de utilização de preservativos nas relações sexuais por adolescentes em um comparativo entre as escolas particular e pública pesquisadas. Campos dos Goytacazes, 2012.

relações. Em 10% da amostra dos adolescentes da escola particular e 6,5% dos adolescentes da escola pública afirmaram que nunca usam camisinhas em suas relações sexuais. Em relação à escola particular, pode-se supor que, por pertencerem aos estratos mais elevados da sociedade, quando se relacionam sexualmente com parceiros do mesmo nível socioeconômico, têm menor capacidade de se perceberem em risco de transmissão das DSTs<sup>9</sup>. Por outro lado, esse estudo contradiz o de Teixeira et al.<sup>13</sup> que afirmam que "os jovens que usam preservativo na iniciação tendem a manter esta prática, no decorrer de sua vida sexual", já que como descrito anteriormente, todos os alunos da escola particular se preveniram na primeira relação sexual, porém o número dos que usam regularmente caiu (65%), enquanto dos 76,10% alunos da escola pública que usaram preservativo na iniciação sexual tiveram uma queda de 8,7%, mas que é menor do que a encontrada na escola privada (35%). Talvez, por serem consideradas de risco as campanhas preventivas tanto de iniciativa pública quanto privada enfoquem mais os alunos de escolas públicas. A própria Faculdade de Medicina de Campos tem projeto que estimulam os alunos e professores a irem nas salas de aulas de escolas públicas, dando palestras e informando jovens e adolescentes sobre sexualidade e DSTs, diferentemente da escola particular na qual iniciativas como as citadas anteriormente, em geral não ocorrem.

No que concerne à relação entre uso de preservativo e informações sobre proteção/contracepção (Figura 7), cabe salientar a importância da família, dos amigos e professores, reforçando o papel dos pais e da educação sexual na escola, como fonte de esclarecimento e orientação, mostrando

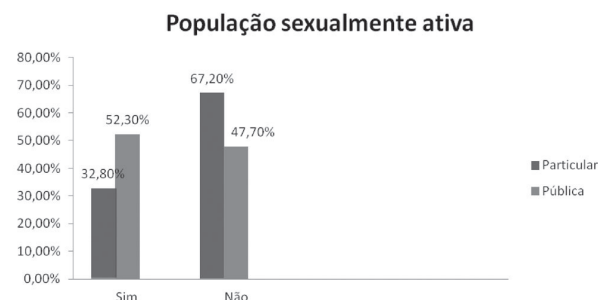


Figura 7 - Fontes de informação sobre o uso de camisinhas, que os adolescentes das escolas particular e pública tem acesso - Campos dos Goytacazes, 2012.

como o diálogo sobre o assunto é importante. Uma parcela dos estudantes marcou a opção 'outros' como fonte de informação sobre o assunto, sendo as respostas mais

encontradas, a televisão, e a internet, como os meios de comunicação que mais difundem informação nos dias de hoje. Segundo Marques et al.<sup>15</sup> os jovens recebem informações limitadas e inadequadas, provenientes de amigos e de pessoas pouco preparadas para esta função.

No tocante ao conhecimento sobre os diversos tipos de DSTs, demonstrado na figura 8, foi constatado que as doenças mais conhecidas pelos alunos das escolas



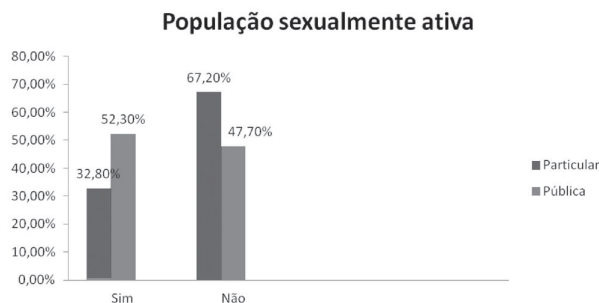


Figura 8 - Conhecimento sobre as DSTs, segundo adolescentes das escolas pública e particular - Campos dos Goytacazes, 2012.

pesquisadas são AIDS, Herpes Genital, Sífilis e Gonorréia. Observou-se ainda que a proporção de alunos que conhecem as doenças sexualmente transmissíveis é quase a mesma nas escolas particular e pública. O conhecimento dos adolescentes das duas escolas também é, aproximadamente, o mesmo sobre a Hepatite B. Na particular, o conhecimento pode estar relacionado ao nível socioeconômico, considerando que esses alunos acesso às mídias sociais e aos seus pais, que geralmente possuem um nível de instrução mais elevado. Nas outras doenças pesquisadas o conhecimento é mais esporádico, ocorrendo uma variação de quais doenças os adolescentes das escolas têm mais conhecimento. Esses resultados corroboram o estudo de Doreto e Vieira (2007)<sup>16</sup>, que mostra que os adolescentes apresentam conhecimento regular sobre as DSTs e principalmente sobre a AIDS, demonstrando o sucesso das campanhas de prevenção.

É importante ressaltar que a maioria dos adolescentes pesquisados, tanto na escola pública quanto na escola particular, responderam corretamente sobre o modo de transmissão das DSTs (Figura 9), porém um número expressivo de estudantes confundiram-se graças a alguns mitos da sociedade, em especial à ideia de que a transmissão dessas doenças pode ocorrer pela saliva, o que é muito improvável, já que o vírus causador da AIDS, por exemplo, é danificado por cerca de 10 substâncias encontradas na saliva.<sup>17</sup>

## CONCLUSÃO

A partir dos resultados obtidos é possível concluir que:

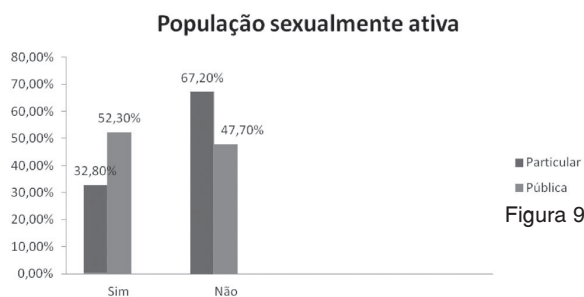


Figura 9

Figura 9 - Conhecimento à cerca dos meios de transmissão das DSTs, segundo os adolescentes das escolas pública e particular - Campos dos Goytacazes, 2012.

\* O nível socioeconômico parece influenciar no uso de preservativo na primeira relação sexual.

\* Os adolescentes da escola pública têm a primeira relação sexual mais cedo que os da escola particular.

\* 35% dos adolescentes da escola particular diminuíram a frequência do uso ou deixaram de usar preservativo depois de terem a primeira relação sexual.

\* 65% dos adolescentes da escola particular sempre usam preservativos nas relações sexuais, enquanto na escola pública o número encontrado foi maior (67,4%).

\* Os motivos encontrados que levam ao não uso de preservativos é a falta de condições financeiras (9,1%), por achar seu uso desconfortável (27,3%), pela diminuição do prazer na hora do ato sexual (27,3%) e por outros motivos, como não possuírem o preservativo perto para o uso ou por não se lembrarem de usar (36,3%).

\* Dentre as fontes de informações pesquisadas, a família é mais frequente fonte sobre o assunto em ambas as escolas. Além disso, na escola particular, os professores também exercem importante função como fonte para informação acerca do assunto.

\* Nos adolescentes da rede particular, os professores e os pais, são os pilares na formação do conhecimento acerca da sexualidade na adolescência.

\* Tanto na escola da rede pública quanto na escola da rede particular os adolescentes mostraram ter níveis muito próximos de conhecimentos sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis.

\* 96,7% e 96,6% dos alunos das escolas particular e pública, respectivamente têm conhecimento sobre preservativos.

\* Provavelmente as iniciativas de instituições na educação sexual têm surtido efeito positivo na prática sexual e no conhecimento dos adolescentes da rede pública.

\* As variáveis conhecimento e uso de preservativos não são diretamente proporcionais.

## REFERÊNCIAS

1. Taquette SR, Vilhena MM, Paula MC. Doenças sexualmente transmissíveis na adolescência: estudo de fatores de risco. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical. 2004; 37:210-14.
2. Beserra EP, Pinheiro PNC, Barroso MGT. Ação educativa do enfermeiro na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis: uma investigação a partir das adolescentes. Revista de Enfermagem. 2008; 12:522-28.
3. Beserra EP, Pinheiro PNC, Alves MDS, Barroso MGT. Adolescência e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: uma pesquisa documental. DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis. 2008; 20:32-5.
4. DST na adolescência [site na internet] São Paulo: Sociedade Brasileira de Obstetrícia e Ginecologia da Infância e Adolescência (SOGIA BR); atualizada em 2011,

junho 27, acesso em 2012, agosto 27. Disponível em: <<http://www.sogia.com.br/dst-na-adolescencia>>.

5. Madureira L, Marques IR, Jardim DP. Contracepção na adolescência: conhecimento e uso. *Cogitare Engenharia*. 2010; 15:100-5.

6. Camargo BV, Botelho LJ. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. *Rev. Saúde Pública*. 2007; 41:61-8.

7. Alves A, Lopes M. Conhecimento, atitude e prática do uso de pílula e preservativos entre adolescentes universitários. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2008; 61:11-7.

8. Beserra EP, Araujo MFM, Barroso MGT. Promoção da saúde em doenças transmissíveis: uma investigação entre adolescentes. *Acta Paul. Enferm*. 2006; 19:402-7.

9. Martins LBM, Costa-Paiva LHS, Osís MJ, Souza MH, Pinto-Neto AM, Tadini V. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. 2006; 22:315-23.

10. Santos GEO. Cálculo amostral: calculadora on-line. Disponível em: <<http://www.calculoamostral.vai.la>>. Acesso em: 2 jun 2012.

11. Camargo BV, Bertoldo RB. Comparação da vulnerabilidade de estudantes da escola pública e particular em relação ao HIV. *Estud. psicol*. 2006; 23:369-79.

12. Santos CAC, Nogueira KT. Gravidez na adolescência: falta de informação?. *Adolesc. Saúde*. 2009; 6:48-56.

13. Texeira AMFB, Knauth DR, Fachel JMG, Leal AF. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. *Cad. Saúde Pública*. 2006; 22:1385-96.

14. Portal da Saúde [site na internet] Brasília: Educação sexual chega à 90% dos adolescentes; atualizada em 2013, junho 19, acesso em 2013, julho 10. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/noticia/11463/162/educacao-sexual-chega-a-%3Cbr%3E90-dos-adolescentes.html>>.

15. Marques ES, Mendes DA, Tornis NHM, Lopes CLR, Barbosa MAO. conhecimento dos Escolares Adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. *Rev. Electr. Enf*. 2006; 8:58-62.

16. Doreto DT, Vieira EM. O conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis entre adolescentes de baixa renda em Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. 2007; 23:2511-16.

17. Shugars DC, Wahl SM. The Role of the Oral Environment in HIV-1 Transmission. *J Am Dent Assoc*. 1998; 129:851-58.



**FBPN**  
Fundação Benedito Pereira Nunes

Parceria na Saúde, na Educação e na evolução da ciência médica

